https://doi.org/10.33054/ABEM202634116

Recebido: 09/03/2026
Aprovado: 02/08/2026

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

A proeminência do ensino musical ativo na Revista *Música na Educação Básica (MEB)*

Nilceia Protásio
Universidade Federal de Goiás (UFG)
orcid.org/0000-0003-3218-971X
nilceia.protasio@ufg.br

PROTÁSIO, Nilceia. A proeminência do ensino musical ativo na Revista *Música na Educação Básica* (MEB). **Revista da Abem**, [*s. l.*], v. 34, n. 1, e34116, 2025.

OPEN ACCESS

abem
Associação Brasileira de Educação Musical

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

A proeminência do ensino musical ativo na Revista *Música na Educação Básica* (MEB)

Resumo: A pesquisa teve como objetivo estudar a correspondência entre o ensino musical ativo e os conteúdos da Revista MEB, e buscar nas práticas musicais da Educação Básica, aspectos condizentes com a ênfase na participação do estudante. Os dados foram coletados a partir das publicações dos últimos dez anos da Revista MEB, totalizando cinquenta artigos, distribuídos em sete volumes. A organização se deu por meio de uma análise qualitativa que buscou atender às seguintes categorias: a) Corpo; b) Escuta; c) Criação; d) Realização musical em conjunto. Entre as atividades analisadas, aquelas que exploram o Corpo se apresentam em menor quantidade. No entanto, um ponto interessante na escola é atentar-se para um movimento corporal atrelado ao pensamento, à improvisação e à emoção. As categorias Escuta e Realização musical em conjunto parecem igualmente apreciadas. No caso da Escuta, o que se constata são procedimentos essencialmente questionadores e bem dirigidos. Na Realização musical em conjunto, preza-se pela consciência e construção coletiva. Merecem destaque as inúmeras propostas de Criação. Com atividades de improvisação ou composição, os estudantes são motivados e encorajados a tomar decisões sobre "o quê" e "como fazer", a manipular materiais musicais e objetos sonoros. Sustenta-se que o ensino musical ativo eleva a amplitude e a profundidade da experiência da aprendizagem. Convém destacar as multifacetadas ações na Educação Básica, evidenciadas na revista estudada.

Palavras-chave: Educação Básica, Ensino musical ativo, Revista MEB.

The prominence of active music teaching in Revista *Música na Educação Básica (MEB)*

Abstract: The research aimed to study the correspondence between active music education and the contents of the MEB Journal, and to search for aspects in basic education musical practices that are consistent with the emphasis on student participation. The data were collected from the publications of the MEB Journal over the last ten years, totaling fifty articles, distributed in seven volumes. The organization was done through a qualitative analysis that covered the following categories: a) Body; b) Listening; c) Creation; d) Musical performance in conjunction. Of the activities analyzed, there are fewer that explore the Body. However, an interesting point in school is to pay attention to a body movement linked to thought, improvisation and emotion. The categories Listening and Musical performance in conjunction seem to be equally appreciated. In the case of Listening, what is observed are essentially questioning and well-directed procedures. In Musical performance in conjunction, awareness and collective construction are valued. The numerous proposals for Creation are noteworthy. Through improvisation or composition activities, students are motivated and encouraged to make decisions about "what" and "how to do it", to manipulate musical materials and sound objects. it is argued that active music education increases the breadth and depth of the learning experience. It is worth highlighting the multifaceted actions in basic education, evidenced in the magazine studied.

Keywords: Basic Education, Active music education, MEB Magazine.

El protagonismo de la enseñanza activa de la música en Revista *Música en la Educación Básica (MEB)*

Resumen: La investigación tuvo como objetivo estudiar la correspondencia entre la enseñanza musical activa y los contenidos de la Revista MEB, y buscar aspectos consistentes con el énfasis en la participación de los estudiantes en las prácticas musicales en la educación básica. Los datos fueron recolectados de publicaciones de los últimos diez años de la Revista MEB, totalizando cincuenta artículos, distribuidos en siete volúmenes. La organización se realizó a través de un análisis cualitativo que abarcó las siguientes categorías: a) Cuerpo; b) escuchar; c) Creación; d) Actuación musical conjunta. De las actividades analizadas son menos las que exploran el Cuerpo. Sin embargo, un punto interesante en la escuela es prestar atención al movimiento corporal vinculado al pensamiento, la improvisación y la emoción. Las categorías de escucha y interpretación musical juntas parecen igualmente apreciadas. En el caso de la Escucha, lo que vemos son esencialmente procedimientos interrogativos y bien dirigidos. Al interpretar música juntos se valora la conciencia y la construcción colectiva. Cabe destacar las numerosas propuestas de Creación. Con actividades de improvisación o composición se motiva y anima a los estudiantes a tomar decisiones sobre "qué" y "cómo hacerlo", a manipular materiales musicales y

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

objetos sonoros. Se sostiene que la enseñanza musical activa mejora la amplitud y profundidad de la experiencia de aprendizaje. Vale destacar las acciones multifacéticas en educación básica, destacadas en la revista estudiada.

Palabras clave: Educación Básica, Enseñanza musical activa, Revista MEB.

Introdução

As metodologias ativas se inserem na história da Educação Musical comumente para designar os métodos compreendidos a partir do final do século XIX. Sua natureza é marcada pela efetiva participação do aluno no processo de aprendizagem e, por sua vez, pelo desenvolvimento do pensamento independente, reflexivo e crítico.

Inúmeras produções bibliográficas têm reforçado o papel e a relevância da pedagogia musical entre os séculos XIX e XX. Nomes emblemáticos como Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950), Carl Orff (1895-1982), Edgar Willems (1890-1978) e Zoltán Kodály (1882-1967) transformaram-se em consenso no âmbito de uma educação europeia que alcança o mundo. É inegável que esse alcance promoveu a modificação do pensamento musical do nosso tempo.

Por sua vez, George Self (1921-1967), Paynter (1931-2010) e Schafer (1933-2021) conduzem uma educação musical contemporânea centrada na ação e na interatividade do aluno com o conhecimento; instituem novos modos de perceber, de ouvir e de criar e nos propõem um convite irrecusável para uma atenta observância da paisagem sonora (im)posta no mundo real.

Lidar com o ensino ativo é lidar com um fato agradavelmente inevitável. Há diversas formas de interação – com o outro e com o conhecimento. A inquietude que tanto marca a atualidade conduz a formas particulares de ensinar. Moran (2018, p. 4) define metodologias ativas como estratégias centradas na participação do processo de aprendizagem “de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos com muitas possíveis combinações”. Nessa direção, o papel do

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

professor é caracterizado pela função gestora e orientadora, na busca de ações mais abertas e criativas[1].

O presente texto percorre, especificamente, o campo da Educação Básica: seus movimentos, suas escutas e criatividade(s); seus saberes, convívios e afetividades. Enquanto os esforços vêm precedidos de problemas e contradições, as propostas surgem no intento de dar suporte às diferentes demandas da esfera infantil no Ensino Fundamental. Posto isso, o interesse deste trabalho direciona-se às afinidades relacionais entre o ensino musical ativo na escola e uma publicação de efetiva importância na área da Educação Musical no Brasil: a Revista Música na Educação Básica (MEB).

A Revista MEB é uma publicação da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), de natureza didática e direcionada, sobretudo, a professores(as) atuantes na Educação Básica. Seu conteúdo aponta para bases teórico-metodológicas em educação musical escolar, bem como para práticas nesse contexto[2]. A revista desempenha um papel crucial na educação musical brasileira por diversas razões, dentre elas: a) permite que professores(as) e pesquisadores(as) de todo o Brasil compartilhem seus conhecimentos e aprendam com as práticas uns dos outros; b) auxilia a formação continuada de professores na busca de novas abordagens no ensino de música e; c) proporciona o incentivo e a inovação no ensino de música, ao promover experiências bem sucedidas em sala de aula; d) valoriza sobremaneira a educação musical escolar.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa aponta para o estudo da correspondência entre o ensino musical ativo e os conteúdos da Revista MEB. Os objetivos específicos indicam:

a) Analisar o entrelaçamento dos princípios pedagógicos do ensino ativo com as aulas propostas na Revista MEB;

b) Caracterizar as estratégias de participação do estudante presentes nas propostas da Revista MEB;

[1] O termo “ensino ativo” ou “ensino musical ativo”, utilizado neste texto, recai sobre a ideia de Moran (2008).
[2] Para maiores informações sobre a Revista MEB, acesse: https://revistameb.abem.mus.br/meb.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

c) Identificar os seguintes elementos de aprendizagem: corpo, escuta, criação e realização musical em conjunto, presentes na Revista MEB na última década;

d) Demonstrar a relevância da Revista MEB como meio de socialização de propostas pedagógicas colaborativas na construção do conhecimento.

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, por defender a necessidade de lidar com a interpretação particularizada de um fenômeno musical, tomando como critério fundamental os seus aspectos qualitativos, sem dispensar a quantificação de determinadas informações sobre esse fenômeno (Queiroz, 2006).

Os dados para esta investigação foram coletados a partir das publicações dos últimos dez anos da Revista MEB, totalizando cinquenta artigos, distribuídos em sete volumes. A organização se deu por meio de uma análise qualitativa que atendeu às seguintes categorias: 1) Corpo; 2) Escuta; 3) Criação; 4) Realização musical em conjunto. As categorias foram escolhidas como uma ferramenta metodológica para analisar o conteúdo selecionado na Revista MEB, buscando-se entender como a participação do estudante se manifesta nas práticas pedagógicas descritas nos artigos.

As categorias Corpo, Escuta, Criação e Realização musical em conjunto se justificam pela ênfase na participação do estudante no contexto do ensino musical ativo. As quatro categorias refletem diferentes formas de participação ativa do aluno na experiência musical, fazendo sobressair: a participação física e motora, essencial para a compreensão e expressão musical; a escuta ativa, analítica e transformadora, que envolve engajamento e construção de sentido; a criação, que envolve composição, improvisação e outras formas de produção musical original desenvolvidas pelo estudante; e a realização musical em conjunto, na ênfase da prática musical participativa e colaborativa.

Para o cruzamento dos dados, optou-se por tratar os artigos à luz de cada uma das categorias ou eixos temáticos. Os dados resultantes foram listados em quadros – contendo os títulos e suas respectivas sinalizações de categorias predominantes das propostas/aulas descritas – e em uma tabela – com a indicação quantitativa dos artigos, posicionada nos eixos temáticos, obtendo-se assim, o panorama das publicações.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Considerações teóricas

Corpo

O intuito deste texto não consiste na inseparabilidade do que é apontado aqui como movimento corporal, escuta, criação e realização conjunta, mas há que se considerar de extrema importância uma abordagem personalizada sobre cada um desses aspectos.

Corpo e movimento são indivisíveis, na perspectiva de uma visão integradora do processo educacional. É inevitável reportarmo-nos a Émile Jaques-Dalcroze como predecessor da convergência visionária entre corpo e música. A consciência musical passa a se condicionar à experiência, na qual ouvido, canto, movimento, energia e espaço se constituem como elementos determinantes. Na abordagem de Dalcroze, os alunos são levados a ouvir música respondendo expressivamente com movimentos improvisados.

No processo criativo, é essencial que o pensar e o fazer estejam integrados. Eles entram "em comunicação estreita para vibrar em uníssono com aqueles que vêem expressando-se em movimento físico" (Juntunen, 2004, p. 203). Sob esse prisma, pode-se afirmar que ouvir música é pensamento, e o movimento corporal que dela resulta é um estado de emoção plena. Não há sequência rígida, mas um estímulo recíproco entre os estudantes.

É indiscutível a integração entre as linguagens artísticas, e não é tarefa difícil enxergar no teatro e na dança a forte presença do gesto musical. No campo educativo, recorrer às suas diferentes nuances significa recorrer a ações fundamentais e providas de sentido vitais, como andar, correr, saltitar e pular. Em estudos sobre o gesto musical, Biscaro (2017) reconhece a transformação possibilitada pelos novos entrecruzamentos de música e teatro. Essas tramas são marcadas pelo corpo em performance, que juntamente com o gesto, contribui para a "encarnação" da própria experiência da performance.

Santana (2018) se dispõe a investigar o fenômeno da batucada através das vivências com três baterias de escola de samba. O trabalho reflete sobre a batucada enquanto experiência mediada pelo corpo por meio dos processos de aprendizagem. Para o autor, "a batucada se constitui enquanto performance ao

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

estabelecer diferentes ações e relações interativas entre seus praticantes, ao ocupar lugares com corpos e música, de maneira integrada" (Santana, 2018, p. 47).

A batucada conjuga as dimensões individual e coletiva no âmbito musical e corporal, e permite um engajamento corporal de seus participantes durante o fazer musical que, por sua vez, torna a batucada a própria ação de tocar. O corpo se move e produz o som, o som se projeta e move o corpo, conjuntamente. Na confluência entre a corporeidade e a sonoridade da batucada está o ponto chave que caracteriza corpo-som. Batucar significa "experimentar o ritmo, mover o corpo em consonância com o som dos instrumentos, escutar, ver e sentir sua própria ação e a dos pares ao redor" (Santana, 2018, p. 47).

Assim, aprende-se a partir do despertamento da curiosidade no conhecimento de si mesmo e do outro, resultando em aprendizado sólido e duradouro. No caso específico da percussão corporal, quando ensinada com foco na vivência cotidiana, abrem-se margens para que o aluno busque respostas para suas dúvidas e cultive o gosto pelo conhecimento (Guedes, 2023).

Sobre isso, se sobressai o Barbatuques, grupo musical paulistano fundado em 1995, que explora e combina timbres utilizando sons corporais: batida de pés, mãos e pernas, barriga, peito, bochecha, boca, palmas e a própria voz. O repertório é direcionado para esse tipo de dinâmica, marcada por arranjos rítmicos, melódicos e por outros efeitos. De modo especial, vale destacar a pesquisa de Maziero (2021) que, oportunamente, ao investigar esse grupo, traça um percurso das diferentes "percussões corporais":

> Diferentes práticas de sapateado são realizadas ao redor do mundo, como o sapateado irlandês, o *clogging*, inglês e o *tap dance* americano. O *stepping*, originado nos Estados Unidos com jovens afro-americanos, traz não só batidas de pé, mas também no peito, coxas e palmas. Vindo de tradição da Síria, Líbano e Palestina, o *dabke* é dançado tendo as batidas de pé no chão como uma das fortes características. Além de um virtuoso sapateado de origem espanhola, o flamenco também trabalha com diferentes tipos de palmas, assim como a dança cigana, de origem húngara, em que são executados diversos outros timbres além das palmas e pés, como estalo de dedos, batidas nas coxas, panturrilhas, costas das mãos, entre outros (Maziero, 2021, p. 19, grifo da autora).

À vista disso, a ação percussivo-corporal ultrapassa a simples exploração ou combinação sonora, limites geográficos ou características culturais, e se concretiza

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

na integração entre pensamento e emoção, racionalidade e sentimento. Sua efetivação ajusta-se no contexto escolar por estar em conformidade com práticas musicais formativas e motivadoras.

Escuta

Enquanto a "escuta" remete comumente à ideia central de se atentar e perceber, a "apreciação" pode apontar especialmente para a análise, crítica e avaliação. Neste texto, a escolha é por abarcar as diferentes definições, na intenção de constituir um pensamento condizente com as propostas descritas na Revista MEB, incluindo o termo "escuta ativa"[3].

É inquestionável a relação entre escuta e paisagem sonora. Murray Schafer é figura notória quando se trata do assunto. Na mesma esteira da escuta ativa, John Paynter se soma no estímulo à criatividade e à descoberta. De modo particular, Schafer propõe a abertura dos ouvidos para os sons do meio ambiente, propõe a manipulação do material sonoro, por meio da experimentação e da imaginação, o que resulta em novas possibilidades expressivas (Guia, 2015).

A experiência de "apreciar" pode abrir horizontes diferentes e inovadores na ampliação do conhecimento, do gosto e da crítica dos elementos sonoros. Seja como ponte ou como objetivo final, a sugestão está posta:

> É necessário, portanto, distinguir entre o ouvir como meio, implícito nas outras atividades musicais, e o ouvir como fim em si mesmo. No primeiro caso, o ouvir estará monitorando o resultado musical nas várias atividades. No segundo, reafirma-se o valor intrínseco da atividade de se ouvir música enquanto apreciação musical (França; Swanwick, 2002, p. 12).

É possível depreender que a compreensão se dilata, em uma ou outra situação, ao promover a ampliação da escuta de sons naturais ou do repertórioé necessário ter clareza do que se deseja alcançar, o que depende de uma ação pedagógica capaz de vislumbrar processos e respostas, no âmbito da aprendizagem, afinal, apreciar conduz a uma forma legítima com a música.

As atividades devem se constituir em movimentos orientados com enfoque na estrutura, nos gestos e nos efeitos da peça. Além disso, "ouvir uma grande

[3] Para um conhecimento mais ampliado da revisão de literatura sobre apreciação musical, ver Friesen e Baptaglin (2022).

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

variedade de música alimenta o repertório de possibilidades criativas sobre as quais os alunos podem agir criativamente, transformando, reconstruindo e reintegrando idéias em novas formas e significados" (França; Swanwick, 2002, p. 13).

Na escuta, busca-se sentido, integram-se sensações, apreende-se contrastes e dinâmicas, reaviva-se memórias e permite-se a construção de um interior dinâmico e fluido. Mais uma vez, a ação é marcada pela criatividade, conhecimento e descoberta (Silva; Barbosa, 2017). Algo que venha na contramão disso, recairá na passividade e na inércia que tanto contrariam os princípios da educação musical dos nossos dias.

"Sentar e ouvir" pode se converter em "distrair-se e desatentar-se", sobretudo se esses momentos forem destinados a um repertório restrito e pouco significativo. Ao interrogar seus alunos sobre o motivo de não gostarem de música clássica ocidental, Silverman (2009) obteve respostas invariáveis: que tudo parecia igual e que não era compreensível. "Mas, claro, este é um dos principais desafios da educação musical – tornar o desconhecido e o não familiar mais lúcido, percetível e, assim, espera-se, mais agradável, se não mesmo um caminho para um universo alargado de experiências musicais" (Silverman, 2009, p. 8, tradução nossa)[4]. Assim, a autora buscou formas de levar uma ampla gama de músicas para a conversa musical em sala de aula. Os alunos começaram a pensar e a abordar a música de uma forma multidimensional: entendendo-a como fenômeno humano mundial, e como fonte de diferentes gêneros e estilos.

Na esfera escolar, é importante considerar a larga dimensão da apreciação musical. Para as crianças, essa experiência possui uma natureza imagética e associativa, nem sempre indicativa de modo restrito, como o gosto de determinadas músicas, mas passível de ser assimilada por meio de relações com danças ou com improvisação, por exemplo. E é sobre os processos criativos que discorreremos a seguir.

[4] "But of course, this is a major challenge of music education – to make the unknown and unfamiliar more lucid, perceptible, and thereby, one hopes, more enjoyable, if not a pathway to an expanded universe of musical experiences" (Silverman, 2009, p. 8).

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Criação

A liberdade se impõe como condição fundamental para a improvisação. Criar de modo espontâneo e imediato é uma habilidade necessária não apenas para os grandes músicos. Destacamos Koellreutter como um dos maiores defensores da improvisação dos nossos dias, nas diferentes linhas do "pré-figurativo" e "pós-figurativo". O primeiro se caracteriza como algo aberto, livre e imaginativo: "**um método de delinear aquilo que ainda não existe, mas que há de existir, mas que pode existir ou se receia que exista**" (Koellreutter, 2025, p. 44, grifo nosso).

O espírito criador age sem medo de julgamentos e sem receio de se embaraçar em obstáculos; cultiva a curiosidade e a coragem do risco e da exposição pessoal; dá vazão à genuína expressão e liberdade requerida pela própria música, sendo capaz de despertar em si mesmo e no outro a essência da musicalidade.

De modo complementar, o espírito curioso se manifesta mais claramente em ambientes pulsantes e aventureiros, ávidos por conhecimento. Nesse caso, a música

> tem o papel fundamental, na educação, de ser arte criativa, uma vez que ela é uma linguagem e um meio de comunicação e expressão que está disponível em vários níveis. Desse modo, a criança pode iniciar a tomada de consciência do mundo pela educação criadora, expressando-se por meio da música (Castro; Pimentel, 2024, p. 204).

Improvisar pode consistir no trânsito sobre a expressividade e a técnica, em um movimento fluido e poético. É o corpo que soa numa relação coletiva e cotidiana, no momento imprevisível e inesperado.

> A prática criativa da improvisação é, pois, composição em movimento, ensaio de dissonâncias e aleatoriedades do mundo sonoro e musical, que cria e recompila materiais e ferramentas para sublinhar a música em estado de encontro. Conexão coletiva com a maneira de fazer (didática), com o assunto a perseguir (conteúdo), com a ferramenta necessária para complexificar o encontro (técnica) (Lino; Dornelles, 2019, p. 176).

Na educação musical, o ato criador interconecta-se com os processos de improvisação, composição e interpretação. E pela natureza coletiva dessas atividades, conta com a participação efetiva e com as particularidades próprias das crianças, seus modos de pensar, sentir e agir (Finck, 2012). A criança se assume como sujeito e assegura sua subjetividade pela composição. Essa se circunscreve,

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

portanto, nas dimensões do pensamento e do conhecimento musical (Maffioletti, 2019).

Tratar o tema da criação implica inserir em um mesmo campo as ações de improvisar, arranjar e compor. No entanto, se a improvisação é "despreocupada" e instantânea, a composição é pré-concebida e trabalhosamente intencional (Santos, 2015).

Em pesquisa que teve como objetivo identificar práticas musicais criativas, desenvolvidas pelos professores de música das escolas municipais de Fortaleza (CE), Marques (2023) reconheceu a relevante necessidade de inserção de práticas criativas na escola. Para ele, essas devem buscar subjetividades inquietas e engajadas, e, ainda, compreender

> a imperativa indispensabilidade de se reinventar o ensino de música, propondo a utilização de práticas diversificadas que incentivem a criação e a fruição (capacidade inventiva), que rompam com o método de ensino tradicional de música, fundamentado, prioritariamente, na repetição, que valoriza somente a técnica e o domínio de habilidades musicais que formem exímios músicos (virtuosos) (Marques, 2023, p. 60).

Portanto, a improvisação tem o poder de extrapolar o pensamento criador, desenvolvendo o ouvido para "vozes alternativas", a mente para uma maior consciência sócio-crítica, e um senso de empatia e obrigação humana (Laver; Heble, 2016). O pensamento do "pré-figurativo" de Koellreutter parece persistir, de forma a transformar nossa busca para "aquilo que ainda não existe, mas que há de existir", fazendo com que haja algum frescor nas experiências musicais escolares.

Realização musical em conjunto

Versar sobre a performance musical é um assunto, por vezes, incômodo. O tema pode carregar uma ideia restrita de supremacia da técnica ou do alto grau de refinamento de determinado repertório. Sem desmerecer esses aspectos, neste trabalho julgamos ser importante a performance como ação, prática e atividade, ou seja, qualquer tipo de realização musical. Visto desse modo, o entendimento se alarga para todas as possibilidades de "fazeres musicais".

Cantar com outro, dançar em roda, improvisar alternadamente com o colega, tocar em grupo são exemplos de realizações cuja motivação se encontra em fazer

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

música junto de alguém. Realizações musicais em conjunto pressupõem interesse comum, que passa pelo intuito e objetivo da aula, bem como pela alegria da concretização do aprendizado.

Para uma realização musical significativa, é oportuno atentar-se para o envolvimento e o comprometimento do aprendiz, na busca de um resultado criativo e expressivo. Tratando-se do contexto escolar, França e Swanwick (2002) defendem:

> A performance em sala de aula pode acontecer através de uma gama de possibilidades, incluindo o canto – um meio altamente expressivo e acessível – instrumentos de percussão, fontes sonoras diversas ou instrumentos tradicionais. [...] A técnica deve ser encarada como um instrumento para traduzir intenções e concepções musicais em padrões sonoros. Desde os estágios iniciais, essas habilidades devem ser abordadas gradativamente e à medida que se fizerem necessárias. É possível envolver as crianças em experiências musicalmente ricas nas quais não seja necessário um alto nível técnico ou de leitura, tais como, cantar, acompanhar canções ou tocar em conjunto de percussão (França; Swanwick, 2002, p. 15).

São frequentes no Ensino Fundamental atividades conjuntas nas quais cada aluno tem a oportunidade de imprimir sua própria identidade no que faz, seja tocando ou cantando. Com clareza de objetivos e orientações firmes, os estudantes são estimulados à descoberta e à exploração de respostas musicais, concretizando, assim, boas aprendizagens.

Em pesquisa mencionada anteriormente, Santana (2018) defende o aspecto dinâmico mobilizado pela bateria de escola de samba. Por meio da prática coletiva, pessoas de lugares e contextos variados constroem experiências distintas. Fazer uma batucada é juntar-se ao grupo, cantar, dançar, tocar instrumento de percussão e, eventualmente, comer e beber. Além disso,

> aprender a tocar um instrumento, conhecer as batidas e suas variações, reconhecer um ritmo, saber sua posição no grupo (numa roda ou numa fila), compreender os gestos de regência do mestre e diretores, reconhecer o sinal do apito e, assim, estar apto a responder musicalmente através de uma reação corporal. Batucar é uma ação forjada através da movimentação coordenada dos corpos dos ritmistas, mestre e diretores, em constante interação (Santana, 2018, p. 217).

Em direção semelhante, sobressai-se a pesquisa de Correia (2023), que se debruça sobre o Coro Infantojuvenil da Escola de Música da Rocinha. A regente

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

atesta a busca por um ambiente prazeroso, no qual a prática do canto seja a promotora de um convívio social saudável. Além disso, o trabalho busca dar oportunidade de crescimento a todos os cantores, ampliando seu universo cultural com a criação de novos hábitos, atitudes, disciplina e interação social. Insistentemente, o trabalho carrega a ideia de "pertencer ao coral" e do "prazer de estarem juntos", reafirmando o tema deste tópico. Em suas palavras:

> Penso que prazer de cantar afinado poderá possibilitar o aluno a modificar seu dia a dia, e o trabalho realizado poderá promover na vida daquela comunidade, a certeza de poder saber e entender que todos podem cantar a partir da oportunidade da vivência num grupo (Correia, 2023, p. 27-28).

Por sua vez, a investigação de Bussu e Mangiarulo (2024) dedica-se a conhecer a autopercepção de jovens músicos sobre os benefícios e desafios de aprender e tocar música juntos. As pesquisadoras entrevistaram quinze adolescentes de doze a dezoito anos, participantes de um programa de educação musical de longo prazo na Inglaterra. Os resultados apontaram para o desenvolvimento da autoconfiança, do pensamento crítico e da autoconsciência.

> Ao mesmo tempo, estes jovens músicos reconheceram que tinham de enfrentar desafios relacionados ao processo de aprendizagem da música em um conjunto, tais como gerir emoções de frustração, e adaptar-se a diferentes estilos e técnicas de aprendizagem musical (Bussu; Mangiarulo, 2024, p. 1, tradução nossa)[5].

Ao considerar os benefícios de cantores participantes de grupo, os resultados da pesquisa de Camlin, Daffern e Zeserson (2020) sugerem uma interdependência complexa entre uma série de mecanismos musicais, neurobiológicos e psicossociais. Conforme a investigação,

> o canto em grupo exige que os participantes se envolvam uns com os outros num diálogo musical simultâneo num contexto pluralista e emergente, criando uma expressão cultural coerente através da negociação reflexiva do significado (musical) manifestado no poder coletivo da voz humana (Camlin; Daffern; Zeserson, 2020, p. 60, tradução nossa)[6].

[5] At the same time, these young musicians recognised they had to face hallenges related to the process of learning music in an ensemble, such as managing emotions of frustration and adapting to different music learning styles and techniques (Bussu; Mangiarulo, 2024, p. 1).
[6] Group singing requires participants to engage with each other in a simultaneous musical dialogue in a pluralistic and emergent context, creating a coherent cultural expression through the reflexive

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Para além da aquisição de novos comportamentos e motivações interpessoais, as realizações musicais conjuntas na escola constituem uma gama de oportunidades, que podem concorrer para os processos e produtos artísticos, para a expansão do pensamento sobre o repertório e para a expressão musical de si mesmo e do outro.

Apresentação e organização dos volumes da Revista MEB

A Revista Música na Educação Básica (MEB) é uma publicação dirigida a estudantes e profissionais interessados em propostas pedagógicas para o trabalho com educação musical. Os artigos buscam articular propostas pedagógico-musicais para a sala de aula, oferecendo fundamentos para a construção e para o fortalecimento das inúmeras possibilidades no contexto escolar[7].

Os títulos dos artigos publicados na última década (2015-2024) são apresentados em quadros, neste texto. As classificações são sinalizadas conforme as atividades contempladas nos eixos temáticos: Corpo, Escuta, Criação e Realização musical em conjunto. Há marcações em até dois eixos, a depender da exclusividade ou da predominância das atividades descritas nas propostas de aula. Há casos em que se constata a conjugação de dois eixos, como, por exemplo, Criação e Escuta.

Os trabalhos não foram julgados pelo seu valor científico ou didático, logo, não há organização hierárquica. O critério foi exclusivamente metodológico, buscando atender à organização dos dados. O parâmetro Corpo considerou ações ligadas ao movimento – individual ou coletivo – como resposta a qualquer estímulo sonoro, enquanto a Escuta se aproximou de experiências relativas à atenção e à concentração de sons musicais diversos, como sons urbanos e de canções dos mais diversos estilos. No tópico Criação, importaram atividades de realizações espontâneas, envolvendo músicas ou movimentos corporais, enquanto Realização musical em conjunto interessou-se por ter a coletividade como condição para a experiência e base para o resultado em conjunto.

negotiation of (musical) meaning manifest in the collective power of the human voice (Camlin; Daffern; Zeserson, 2020, p. 60).

[7] As fontes consultas para a presente pesquisa foram realizadas no site da Revista MEB: https://revistameb.abem.mus.br/meb.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Parte da análise foi feita por meio de trechos retirados dos artigos da revista. As fontes dos trechos foram mencionadas conforme seus respectivos volumes, não seguindo critério de autoria, buscando-se, assim, não gerar uma falsa impressão de supremacia ou de prestígio de um artigo em detrimento de outro. Portanto, os trechos são representativos e facilitadores para a compreensão dos eixos de análise.

Optou-se pela utilização de indicativos numéricos cardinais, para favorecer o panorama visual dos dados quantitativos no texto, assim como por abreviaturas dos termos Corpo=Cor; Escuta=Esc; Criação=Cria; e Realização musical em conjunto=Real nos quadros.

Convém mencionar que, apesar de a análise proposta se dirigir às publicações da última década, não há volume no ano de 2015, logo, são considerados os anos de 2016 e 2017, 2019 e 2020, e 2022 a 2024. Observa-se também, que não houve publicações em 2018 e em 2021. Assim, foram analisadas as Revista MEB: a) Volume 7 n. 7/8 (2016); b) Volume 8 n. 9 (2017); c) Volume 9 n. 10/11 (2019); d) Volume 10 n. 12 (2020); e) Volume 11 n. 13/14 (2022); f) Volume 12 n. 15 (2023); e g) Volume v. 13 n. 16 (2024).

No "V. 7 n. 7/8 (2016)" foram publicados 08 artigos. Conforme análise quantitativa proposta nesta pesquisa: apenas 01 contemplou o Corpo; 03 a Escuta; 05 a Criação; e 03 a Realização musical em conjunto, conforme Quadro 1:

Quadro 1 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 7 n. 7/8 (2016)

V. 7 n. 7/8 (2016)	Cor	Esc	Cria	Real
Música medieval na escola: uma proposta de apropriação da música antiga		■		■
Sindô Lê Lê, Sindô Lá Lá, não podemos viver sem cantar! Identidade, educação e expressão através da voz				■
Cantando com as palavras: Tlatlu tlatlu...blãblãblã...ahhhhhh			■	■
Percussão corporal no ensino de música: três atividades para a educação básica	■			
Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico			■	
Pensar e fazer música refletindo sobre o mundo: composição musical na EJA			■	
A interdisciplinaridade da vida e a multidimensionalidade da música		■	■	
#Escola #Música #Tecnologia: apreciar, executar e criar utilizando as tecnologias digitais em sala de aula		■	■	

Fonte: elaborado pela autora.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Segundo os eixos considerados neste quadro, seguem exemplos retirados do referido volume:

Escuta: *"A apreciação pode ser de olhos fechados, sugerindo que os alunos façam a experiência de se imaginar dentro de uma igreja medieval Vocês já ouviram uma música assim antes? Onde? O que podemos dizer desta música? O que podemos dizer sobre as vozes que a cantam? São homens e mulheres? E sobre o idioma? Tem algum ritmo? E instrumentos? É uma música nova ou antiga? Em que lugar foi criada, executada e apreciada? Quem a compôs?"* (Meurer, 2016, p. 14).

Criação: *"Compreendo aqui a composição como atividades que proporcionem aos alunos a tomada de decisões durante a manipulação de materiais musicais, com a intenção de articular e comunicar pensamentos musicais. Isso inclui arranjos, improvisações, melodias, ritmos, musicalização de textos e filmes, entre outras atividades em que os alunos fazem suas próprias escolhas musicais"* (Oliveira, 2016, p. 77).

Os exemplos reforçam a escuta como proposta ativa e contextualizada, que incentiva a investigação e a conexão de conhecimentos, e a criação como um processo de expressão musical, que valoriza a participação dos alunos em atividades como improvisação e arranjos.

O V. 8, n. 9 (2017) indica um total de 09 trabalhos. Destes, 02 se dedicam ao Corpo; 05 à Escuta; 07 à Criação; e 03 à Realização musical em conjunto. Ver Quadro 2:

Quadro 2 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 8 n. 9 (2017)

V. 8, n. 9 (2017)	Cor	Esc	Cria	Real
Música eletroacústica na sala de aula		■	■	
Que músicas escolher para um CD? Seleção e organização de repertório para a aula de música na escola			■	■
Assobiando uma proposta. Música na Educação Básica. Londrina		■	■	
Cuidado que mancha! Contribuições artísticas e lúdicas para a educação musical		■	■	■
Aí, meu chapéu: diálogos e proposições pedagógicas com música e artes visuais			■	
Tá-ku-Tú-ka: ideias para o ensino de ritmos na educação	■		■	
Qual é a música? Uma brincadeira para aulas coletivas de flauta doce		■	■	
Boneca que fala, boneca que canta: Experiências educativo-musicais na creche		■		
Estúdio Móvel e brincadeira do coco: um projeto para o ensino de música na escola de educação básica	■			■

Fonte: elaborado pela autora.

Seguem os trechos que exemplificam os eixos mais significativos deste Volume:

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Criação: *"A partir da escolha dos sons que serão utilizados nas composições dos alunos, o direcionamento agora é utilizar a notação musical (não convencional) para organizar esse material conscientemente, a fim de obter um "resultado" musical e, com isso, proporcionarmos aos alunos a relação entre o fazer musical e o ato de compor uma música"* (Simão; Sposito; Moraes, 2017, p. 16).

Realização musical em conjunto: *"Após o solfejo inicial, faça uma roda separando a turma em quatro grupos. Para sinalizar o som que cada grupo vai solfejar, coloque o instrumento ou algo que o represente (placa com nome ou objetos). Crie relações entre os sons através da regência – experimente entradas, dinâmicas e combinações diversas entre os grupos"* (Schmidt; Zanella, 2017, p. 66).

Na Criação, a revista propõe que os alunos escolham e organizem sons usando notação não convencional, promovendo a autonomia e a relação entre o "fazer" e o "compor". Na Realização musical em conjunto, a sugestão de dividir a turma em grupos para solfejo e regência estimula a colaboração, a experimentação e a tomada de decisões.

Dos 08 artigos do V. 9, n. 10/11 (2019), o Corpo possui um total de 04 trabalhos; a Escuta 02; a Criação 07; e a Realização musical em conjunto, apenas 01 – como mostra o Quadro 3:

Quadro 3 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 9 n. 10/11 (2019)

V. 9, n. 10/11 (2019)	Cor	Esc	Cria	Real
Caixinha com sons na educação infantil.		■	■	
Pedro e a festa na lagoa: estratégias de sonorização de histórias no ensino de música	■		■	
Hoje é dia de Pixinguinha!		■	■	
Música folclórica e percussão corporal na sala de aula	■		■	
A lagarta e a borboleta: cantando a duas vozes	■		■	
No espírito do blues! Práticas musicais coletivas para o ensino médio			■	■
Captação de contato: tecnologia e corporalidade em uma educação musical de invenção e desfrute			■	
Conceitos de psicomotricidade e o ensino de música	■			

Fonte: elaborado pela autora.

Como amostra do que foi publicado nos eixos predominantes, seguem os exemplos:

Corpo: *"As crianças batem palmas em todas as sílabas, mas fazem movimentos circulares expandidos entre uma palma e outra para os sons de duração longa. Como os sons longos do tema da "Borbo- leta" não duram o suficiente para a realização de movimentos largos, sugere-se a seguinte dinâmica as crianças batem palma nos sons mais curtos e, frente a frente, tocam e mantêm as mãos juntas às do companheiro nos sons mais longos"* (Andrade, 2019, p. 67).

Criação: *"Peça para os alunos anotarem os versos compostos em um caderno. Esses versos podem ser lidos em voz alta, individualmente, podendo esta atividade*

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

ser registrada com (quem elaborou). um celular ou com um gravador. Aos poucos, vão-se somando as diversas composições dos alunos. É importante não ter pressa para que as ideias surjam com espontaneidade" (Ferreira, 2019, p. 78).

O trecho sobre Corpo ilustra como o uso de movimentos e a interação entre alunos é essencial para a internalização da percepção rítmica de forma ativa. O trecho sobre Criação mostra que o referido volume estimula a expressão individual dos alunos por meio da composição de versos, validando a autoria dessas criações. Nessa perspectiva, a revista estudada se posiciona como um recurso fundamental para promover uma educação musical dinâmica.

O V. 10, n. 12 (2020) totaliza 06 trabalhos que, conforme os pontos de análise, pode-se contabilizar: Corpo 01; Escuta 02; Criação 02; e Realização musical em conjunto 02, de acordo com o que aparece no Quadro 4. Destacam-se nesse Volume dois textos diferenciados em sua natureza, sendo um artigo-entrevista ("Encontro com Carlos Kater: vida em movimento e 'A música da gente'") e um artigo com viés teórico ("BNCC e educação musical: muito barulho por nada?").

Quadro 4 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 10 n. 12 (2020)

V. 10, n. 12 (2020)	Cor	Esc	Cria	Real
Encontro com Carlos Kater: vida em movimento e "A música da gente"	Artigo-Entrevista			
BNCC e educação musical: muito barulho por nada?	Artigo de natureza teórica			
Harmônica-uma opção no ensino de música para as crianças			■	■
Epu'ã! Levante-se! ou o que os Guarani Mbya podem nos ensinar sobre o fazer musical e sobre educação musical	■			■
Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica baseadas no material Música Br.		■	■	
Música na educação do campo superando estereótipos e aprimorando escuta musical por meio da criação de playlists		■		

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir são apresentadas partes descritivas das demais propostas, que reafirmam os dados coletados:

Escuta: *"Quantas partes tem essa música? Quais as características que vocês percebem em cada parte? Quais instrumentos estão presentes nas diferentes partes da música? Quais saem, quais permanecem e quais entram durante as estrofes? Muda algo no refrão? Que 'climas' são construídos em cada parte? Como vocês acham que esses climas foram construídos? Qual estilo de música é esse? Como vocês o identificam? Como vocês o diferenciam de outros estilos semelhantes?"* (Oliveira, 2020, p. 104).

Realização musical em conjunto: *"Se é no fazer com que os indivíduos guarani aprendem, é também no fazer com que eles ensinam. Isso significa que tanto crianças quanto jovens, adultos e idosos estão fazendo, ensinando e aprendendo*

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

música juntos. Isso quer dizer que é no próprio fazer musical e enquanto fazem música que as crianças guarani aprendem a fazer música e ensinam a outros" (Fragoso, 2020, p. 70).

Segundo esses dados, a Escuta incentiva uma análise musical ativa por meio de questões detalhadas, que levam os alunos a investigarem estruturas e instrumentação, promovendo uma escuta crítica e participativa. A Realização musical em conjunto se realiza no próprio fazer coletivo, envolvendo todas as idades. Desse modo, é possível constatar que o referido volume se destaca por apresentar propostas que estimulam uma escuta cuidadosa e uma prática musical coletiva, reforçando a atuação direta do aluno e a natu

reza colaborativa da aprendizagem musical.

No V. 11, n. 13/14 (2022), são tratados de forma exclusiva ou prioritária os seguintes eixos temáticos com suas respectivas frequências: Corpo, 02 vezes; Escuta, 03 vezes; Criação, 04 vezes; e Realização musical em conjunto, 05 vezes.

Quadro 5 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 11 n. 13/14 (2022)

V. 11, n. 13/14 (2022)	Cor.	Esc.	Cria.	Real.
Resgatando/estabelecendo/ construindo relações: propostas de exploração de funks a partir da intertextualidade	■		■	
O uso de aplicativos baseados em navegadores de internet na educação musical: 4 possibilidades de baixo custo		■	■	
Canto coletivo na modalidade de ensino à distância: uma proposta de ensino plural				■
Diálogos sobre paisagem: explorando e transformando espaços escolares		■	■	
Uma proposta didática para o desenvolvimento de arranjos a partir de canções e brincadeiras de diferentes culturas	■			■
"Pega de boi no mato" na festa do Vaqueiro: Atividades de apreciação musical, paisagem sonora, criação e performance a partir do Aboio e da Toada nas vaquejadas do Sertão Sergipano				■
Escutar, brincar, contar histórias, tocar: jogos de improvisação na escola			■	
Nuvem branquinha: para cantar e incorporar conhecimentos musicais				■
As brincadeiras musicais e o trânsito entre a diversão e a aprendizagem em dois pontos propostas práticas		■		■

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, apresentam-se alguns fragmentos representativos:

Escuta: *"O trabalho com paisagem em música foi concebido em três etapas processuais. A primeira, denominada Passeios Auditivos, procurou captar as sonoridades produzi- das em várias paisagens existentes dentro do Colégio o pátio,*

a biblioteca e "a matinha", uma área verde da escola, local repleto de sons da natureza" (Oliveira; Caetano, 2022, p. 55).

Criação: *"Trabalhar com ideias de improvisação na escola, além dos aspectos sonoro-musicais, possibilita que sejam realizados diálogos coletivos, criando situações para que os estudantes possam expressar seus sentimentos, posicionamentos e visões frente ao mundo"* (Brietzke; Oliveira; Presgrave, 2022, p. 105).

Os "Passeios Auditivos" incentivam os alunos a captar e explorar os sons do ambiente, expandindo a percepção auditiva, enquanto a improvisação é vista como um meio para diálogos coletivos, destacando o valor do aluno como criador. Assim, a Revista oferece propostas que estimulam a interação com o ambiente sonoro e a expressão criativa através da improvisação, reforçando o papel central do aluno e sua natureza colaborativa.

Na perspectiva de análise seguindo as temáticas, dos 6 artigos publicados no V. 12, n. 15 (2023), 02 apontam para o Corpo, 03 para a Escuta, 02 para a Criação e 03 para a Realização musical em conjunto. O Quadro 6 demonstra:

Quadro 6 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 12, n. 15 (2023)

V. 12, n. 15 (2023)	Cor.	Esc.	Cria.	Real.
Nhande mbora`i: cânticos e instrumentos musicais sagrados Guarani Mbya em sala de aula				■
Pensar a escola como um espaço sonoro de escuta ativa: proposições a partir de Raymond Murray Schafer		■		
O Rap na educação básica: propostas de ensino envoltas da diversidade musical do projeto corais nas escolas do Estado do Espírito Santo		■		■
Por um mundo onde muitos mundos possam existir: patrimônio imaterial e música afro-brasileira na escola			■	■
Quatro propostas abertas para fazer música na escola	■		■	
A sensorialidade auditiva na educação infantil: perspectivas para a educação musical.	■	■		

Fonte: elaborado pela autora.

Das propostas publicadas nesse volume, exemplificamos:

Escuta: *"Em qual momento do dia é mais fácil de perceber os sons que nos rodeiam? Por quê? Já ouviram alguma música que utiliza sons não convencionais, como esses que ouvimos em nosso dia a dia e que, muitas vezes, parecem "barulhos"? Como foi essa experiência?"* (Lima; Silva; Almeida, 2023, p. 6).

Realização musical em conjunto: *"O(a) professor(a) tocará e cantará a canção "Bate, bate o ferreiro". As crianças irão escutá-la para conhecer e, aos poucos, irão cantando e aprendendo a percussão corporal proposta [...] na primeira vez da canção farão com palmas; na segunda vez batendo os pés no chão (in-tercalando os pés); na terceira vez batendo as mãos nas pernas; na quarta vez batendo as mãos no peito (intercalando as mãos) [...]"* (Campos, 2023, p. 5).

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

A Escuta é incentivada de forma direcionada e analítica. As propostas propõem que o professor instigue os alunos a identificar elementos específicos da música e a comparar diferentes arranjos e interpretações. Sugere que os estudantes explorem a percussão corporal e se revezem em diferentes funções. Isso não só fomenta a criação e o uso do corpo na música, mas também enfatiza a participação ativa e colaborativa.

Por fim, em 2024 foi publicado o V. 13, n. 16. Nenhum dos 04 trabalhos abordou de modo exclusivo ou prioritário o Corpo; 04 incluíram a Escuta e a Criação, com metade cada; e 03 incluíram a Realização musical em conjunto. Os dados podem ser visualizados no Quadro 7:

Quadro 7 – Eixos temáticos contemplados na Revista MEB, v. 13, n. 16 (2024)

V. 13, n. 16 (2024)	Cor.	Esc.	Cria.	Real
PiÁna eScuTa: Proibido não tocar!		■		
O conceito de audição de Edwin Gordon aplicado na educação musical infantil		■		■
Gênero e sexualidade na educação musical escolar: vamos pensar juntes?			■	■
Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula			■	■

Fonte: elaborado pela autora.

Para explicar melhor os resultados, seguem alguns exemplos retirados do volume mencionado:

Corpo: *"Se vamos utilizar a voz, é interessante descobrirmos quais sons podem ser executados cantando, falando, assobiando, estalando a língua do céu da boca, percutindo com os dedos na bochecha cheia de ar e outras possibilidades" (Brietzke; Oliveira; Presgrave*, 2022, p. 101).

Escuta: *"[...] a proposta de atividade a seguir objetiva proporcionar às crianças a ampliação e compreensão do universo sonoro através da exploração de diversas fontes sonoras, da comparação de características entre os sons, da execução de sons vocais/corporais, e também através da expressão de sensações e emoções, partindo da apreciação musical"* (Ferreira Filho; Lira, 2022, p. 126).

A proposta sobre o Corpo incentiva a exploração sonora ativa utilizando gritos e sons de animais. Isso promove a experimentação e a criação de efeitos musicais, destacando o corpo como um recurso expressivo. O segundo trecho sugere uma escuta mais sensível e consciente, que explora o silêncio e as manifestações do inconsciente, convidando a uma reflexão profunda sobre o som.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Consoante aos cinquenta artigos distribuídos em sete volumes da Revista MEB na última década (2015-2024), segue a seguinte tabela com os dados quantitativos (Tabela 1). Os números indicam o que foi exposto, de acordo com os critérios postos para a análise.

Tabela 1 – Quantidade de artigos por eixos temáticos

Volumes	Corpo	Escuta	Criação	Realização musical em conjunto
V. 7 n. 7/8 (2016)	01	03	05	03
V. 8, n. 9 (2017)	02	05	07	03
V. 9, n. 10/11 (2019)	03	02	07	01
V. 10, n. 12 (2020)	01	02	02	02
V. 11, n. 13/14 (2022)	02	03	04	05
V. 12, n. 15 (2023)	02	03	02	03
V. 13, n. 16 (2024)	0	02	02	03
Total	11	20	29	20

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se um destaque para a Criação, que se mostra em 2017 e 2019, enquanto a Escuta predomina em 2017 e 2022. No panorama geral, a Escuta e a Realização musical em conjunto se apresentam de modo crescente ao longo da década.

Analisando o conjunto dos eixos temáticos, constata-se que as atividades que exploram o Corpo aparecem em menor quantidade (11). Como exemplo, no Volume 7 da Revista MEB (2015), observou-se um relato de experiência sobre o uso da percussão corporal em aulas de música para crianças do Ensino Fundamental, destacando o impacto na coordenação motora e na percepção rítmica dos alunos. Nesse sentido, a pesquisa de Guedes (2023) sobre a teoria da aprendizagem significativa aplicada à percussão corporal também ilustra como essa abordagem ativa pode promover um envolvimento mais profundo e duradouro.

Um ponto interessante na escola é atentar-se para um movimento corporal atrelado ao pensamento, à improvisação e à emoção. Conforme defendeu Juntunen (2004, p. 203), para que se tenha "um estímulo recíproco entre os estudantes" e "um vibrar em uníssono".

Pelo recorte, as categorias Escuta e Realização musical em conjunto parecem igualmente apreciadas. No caso da Escuta (20), o que se constata são procedimentos muito bem traçados e dirigidos. São comuns questões direcionadas

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

às diferentes formas de percepção: a) dos sons naturais – no ambiente ou no entorno, evidenciando uma paisagem sonora; b) dos sons musicais, com o intuito de distinguir estilo, origem, formas, instrumentos, vozes, semelhanças, diferenças, contrastes e outros, predominantemente guiados por questões do professor.

Reportando-nos novamente a França e Swanwick (2002), essa forma de atividade deve fazer com que os alunos contemplem os materiais sonoros, efeitos, gestos expressivos e estrutura da peça. Vale lembrar que ampliar o repertório leva a atitudes criativas e à ressignificação de ideias, atribuindo-lhes novos significados.

No âmbito da Escuta, é possível destacar o Volume 12 (2023), que apresentou um estudo de caso sobre o desenvolvimento da apreciação musical em adolescentes através de atividades de escuta ativa e análise de diferentes gêneros musicais. Tal abordagem alinha-se com a noção de “escuta (cria)tiva” proposta por Silva e Barbosa (2017), que transcende a passividade e convida o estudante a um engajamento ativo na construção de significado musical.

No caso da Realização musical em conjunto (20), em grande parte das propostas didáticas preza-se pela construção coletiva, verificada na divisão de grupos, na escuta do outro, na intervenção de si mesmo, na improvisação cooperativa e na descoberta comum. O pensamento de Camlin, Daffern e Zeserson (2020) ratifica a concepção de que há um diálogo musical simultâneo, que cria uma expressão cultural manifestada na força coletiva da voz humana.

Nos volumes que relatam realizações musicais em conjunto, observa-se projetos de canto coral escola que apresentam o desenvolvimento de habilidades de afinação, convívio social e autoconfiança nos participantes. Essa dimensão social e colaborativa é ainda mais realçada por Camlin, Daffern e Zeserson (2020, p. 60), que descrevem o canto em grupo como um processo de “diálogo musical simultâneo' que gera uma 'expressão cultural coerente através da negociação reflexiva do significado musical”.

Por sua vez, no Volume 11 (2022), diversos artigos exploraram a criação/improvisação como ferramenta pedagógica, desde o uso de jogos sonoros até a criação de peças musicais curtas por alunos do Ensino Médio. Essas iniciativas ecoam as perspectivas de França e Swanwick (2002) e de Koellreutter (2025), na relevância de práticas que permitem aos alunos explorar suas próprias

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

ideias musicais e desenvolver a autonomia. Portanto, merecem destaque as inúmeras propostas de Criação (29), o eixo mais explorado. Com atividades de improvisação ou composição, os estudantes são motivados e encorajados a tomar decisões sobre "o quê" e "como fazer", a manipular materiais musicais e objetos sonoros, a comunicar pensamentos e sentimentos musicais, bem como visões de mundo. A dinâmica é livre, imediata e contemporânea. Lino e Dornelles (2019) defendem que improvisar é compor em movimento e conectar-se com o outro – a complexificação de um encontro.

Por fim, sustentamos que toda experiência autoral é, de algum modo, algo único e inédito. E que o ensino musical ativo só eleva a amplitude e a profundidade dessa experiência. Retomando, fica o convite à comunidade escolar para trazer **"aquilo que ainda não existe, mas que há de existir, mas que pode existir ou se receia que exista"** (Koellreutter, 2025, p. 44, grifo nosso). Não foram essas as palavras de Koellreutter?

Considerações finais

A presente pesquisa abordou as afinidades relacionais entre o ensino musical ativo e a Revista MEB. A despeito da ausência de instrumentos musicais na escola, problemática tão recorrente, as propostas revelam o entendimento da essência da realização musical: a dimensão humana no exercício da arte e da expressão. Mais ainda, a compreensão de que é viável e oportuno fazer música de modo criativo no âmbito escolar.

A categoria "Criação" se destacou como um eixo fundamental do ensino musical ativo. Ao permitir que os estudantes explorem suas próprias ideias musicais, o ensino da criação fomenta o "espírito criador", capacitando-os a improvisar, inovar e imprimir sua própria identidade na invenção.

As categorias "Escuta"' e "Realização musical em conjunto" demonstraram forte presença nos artigos analisados. A "Escuta" é concebida como um processo de percepção, análise e atribuição de significado que se integra à produção musical. Essa escuta é fundamental para a apreciação musical e para o desenvolvimento da sensibilidade.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Por sua vez, a “Realização musical em conjunto” reforça a dimensão social e colaborativa da música, dentre elas a comunicação, empatia e trabalho em equipe. Constatou-se uma menor quantidade de artigos explorando a categoria “Corpo”, o que pode indicar uma área a ser explorada em sala de aula. É possível apontá-lo como um campo a ser explorado, como uma necessidade básica para o desenvolvimento de expressividade genuína e expressiva, libertando, por vezes, de preconceitos ou de desconhecimento de autores, como Dalcroze.

Convém destacar as multifacetadas ações na Educação Básica, evidenciadas na revista estudada: a imprescindibilidade do corpo, a força da sensibilidade auditiva, a inesgotável fonte criadora e os fortes laços proporcionados pela realização musical em conjunto. Retomando a linha central da Revista MEB, que visa reforçar ações pedagógico-musicais, oferecendo subsídios para construir e fortalecer múltiplas possibilidades de educação musical nas escolas brasileiras, este trabalho convida a explorações musicais amplas e inovadoras.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Referências

ANDRADE, Débora. A lagarta e a borboleta: cantando a duas vozes. **Música na Educação Básica**, v. 9, n. 10/11, 2019.

BISCARO, Bárbara. Considerações sobre o corpo musical. **Revista Cena**, n. 22, p. 177-184, jul./out. 2017.

BRIETZKE, Marta Macedo; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; PRESGRAVE, Fabio Soren. Escutar, brincar, contar histórias, tocar: Jogos de improvisação na escola. **Música na Educação Básica**, v. 11, n. 13/14, p. 96-10, 2022.

BUSSU, Anna; MANGIARULO, Marta. Playing music together: Exploring the impact of a classical music ensemble on adolescent's life skills self-perception. **Open University of Israel**, PLoS ONE, 19(7), p. 1-28, 2024. Disponível em: https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.030632. Acesso em: 18 ago. 2024.

CAMLIN, David; DAFFERN, Helena; ZESERSON, Katherine. Group singing as a resource for the development of a healthy public: a study of adult group singing. **Humanit Soc Sci Commun**, 7, p. 60, 2020. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41599-020-00549-0. Acesso em: 22 ago. 2024.

CAMPOS, Viviane Cavalcanti Borges. A sensorialidade auditiva na educação infantil: perspectivas para a educação musical. **Revista Música na Educação Básica**, v. 12, n. 15, 2023.

CASTRO, Marco Aurélio Alves de; PIMENTEL, Florinda Cerdeira. Música-palavra: uma proposta de educação musical embasada em John Paynter. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 13, n. 45, p. 198-210, 2024.

CORREIA, Valéria da Conceição. **Coral da Escola de Música da Rocinha**: um relato do processo de afinação desenvolvido a partir do seu próprio repertório em 25 anos de atividades. 96f. Dissertação (Mestrado Profissional em Música) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Música, Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

FERREIRA, Antonio Cezar. No espírito do blues! Práticas musicais coletivas para o ensino médio. **Música na Educação Básica**, v. 9, n. 10/11, 2019.

FERREIRA FILHO, João Valter; LIRA, Jaqueline Rodrigues. As brincadeiras musicais e o trânsito entre a diversão e a aprendizagem: propostas práticas. **Música na Educação Básica**, v. 11, n. 13/14, 2022. p. 122-133.

FINCK, Regina. A criação musical como recurso didático em sala de aula. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 53-78, 2012.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

FRAGOSO, Daisy. Epu'ã! Levante-se! Ou o que os Guarani Mbya podem nos ensinar sobre o fazer musical e sobre educação musical. **Música na Educação Básica**, v. 10, n. 12, 2020.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta**, v. 13, n. 2, p. 5-41, 2002.

FRIESEN, Rafael Ricardo; BAPTAGLIN, Leila Adriana. Uma revisão bibliográfica sobre apreciação musical em teses e dissertações. **Revista da ABEM**, v. 30, n. 2, p. 1-18, 2022.

GUEDES, Marina Donza. A teoria da aprendizagem significativa: possibilidade para o ensino da percussão corporal. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 4, p. 90-100, abr. 2023. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/percussao-corporal. Acesso em: 15 set. 2024.

GUIA, Rosa Lúcia dos. Caminhos para a improvisação na educação musical. *In* PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst (org.). **Processos Criativos em Educação Musical**. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG/CMI, 2015, p. 123-152.

JUNTUNEN, Marja-Leena; HYVÖNEN, Leena. Embodiment in musical knowing: how body movement facilitates learning within Dalcroze Eurhythmics. **British Journal of Music Education**, p. 199-214, jul. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231897750_Embodiment_in_musical_knowing_how_body_movement_facilitates_learning_within_Dalcroze_Eurhythmics. Acesso em: 27 ago. 2024.

KOELLREUTTER, Hans-Joaquim. O espírito criador e o ensino pré-figurativo. In: PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia (org.). **Processos criativos em educação musical.** Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2025, p. 41-50.

LAVER, Ajay; HEBLE, Mark. **Improvisation and Music Education:** Beyond the Classroom. Londres: Taylor & Francis, 2016.

LIMA, Lucas M. F.; SILVA, Mariana S.; ALMEIDA, Jéssica de. Pensar a escola como um espaço sonoro de escuta ativa: proposições a partir de Raymond Murray Schafer. **Revista Música na Educação Básica**, v. 12, n. 15, 2023.

LINO, Dulcimarta Lemos; DORNELLES, Gabriel do Nascimento. Eu sabo porque sabo: a poética da improvisação na educação musical. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 27, n. 42, p. 163-180, jan./jun. 2019.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Narrativas infantis: o que se pode conhecer sobre a criança a partir de sua composição musical?. In: ARAÚJO,

Rosane Cardoso de (org.). **Educação musical**: criatividade e motivação. Curitiba: Appris, 2019, p. 135-160.

MARQUES, Marcelo Kaczan. **As práticas criativas no ensino de música das escolas públicas municipais de Fortaleza**. 182f. Tese (Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

MAZIERO, Mariana Gomes. **Percussão corporal pela abordagem Barbatuques segundo as crianças**: uma cartografia de escuta. 135f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2021.

MEURER, Rafael Prim. Música medieval na escola: uma proposta de apropriação da música antiga. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 7, n. 7/8, 2016.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In* BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 1-25.

OLIVEIRA, Luana. Música na educação do campo: superando estereótipos e aprimorando a escuta musical por meio da criação de playlists. **Música na Educação Básica**, v. 10, n. 12, 2020.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de; CAETANO, Renata Oliveira. Diálogos sobre paisagem: explorando e transformando espaços escolares. **Música na Educação Básica**, v. 11, n. 13/14, 2022. p. 50-67.

OLIVEIRA, Rafael Dias de. Pensar e fazer música refletindo sobre o mundo: composição musical na EJA. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 7, n. 7/8, 2016.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: Perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves**, n. 2, p. 87-98, 2006.

REVISTA MÚSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2014–. Anual. ISSN Online: 2594-5181 | ISSN impresso 2175-3172.

SANTANA, Francisco de Assis. **Batucada**: experiência em movimento. [s.n.]. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SANTOS, Marcos Paulo Miranda Leão dos. **Os exercícios de criação de J. H. Koellreutter**: um estudo de sua aplicação na escola regular. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

SCHMIDT, Beatriz Woeltje; ZANELLA, Andréia Tonial. Tá-Ku-Tú-Ka. Ideias para o ensino de ritmos na educação básica. **Música na Educação Básica**. Londrina, V. 8, n. 9, 2017.

SILVA, Helena Lopes da; BARBOSA, Rogério Vasconcelos. Escuta (cria)tiva: Propostas para o desenvolvimento da escuta musical na educação básica. **Foro de Educación**, v. 15, n. 22, p. 1-23, 2017.

SILVERMAN, Marissa. Rethinking Music Appreciation. **Visions of Research in Music Education**, v. 13, Article 6, p. 1-30, 2009.

SIMÃO, Ana Paula Martos; SPOSITO, Tauan Gonzalez; MORAES, Renato Segati de. Música eletroacústica na sala de aula. **Música na Educação Básica.** Londrina, v. 8, n. 9, 2017.

revista da abem
associação brasileira de educação musical
ISSN 2358-033X

Nilceia Protásio é bacharel em Música - Instrumento Piano, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre e doutora em Educação, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – instituição da qual foi docente por três anos. Atualmente, é professora do Curso de Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG). Desenvolve pesquisas em música, contemplando temáticas ligadas à educação musical, musicalização infantil, processos formativos, didática e música no contexto escolar. É autora de textos sobre metodologias ativas em educação musical, com destaques para Émile Jaques-Dalcroze, Edgar Willems e Carl Orff. Coordena o projeto de pesquisa "Pedagogias musicais e interculturalidade: metodologias, repertórios e recursos didáticos diante da diversidade cultural". Integra comitês científicos de diversos eventos e atua como parecerista em revistas científicas da área de Música. Foi coordenadora da área de Música do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da UFG (2010-2013; 2015-2018) e organizou o livro "Música, escola e iniciação à docência: reflexões e experiências na educação básica" – uma das inúmeras publicações do grupo. Atuou como membro representante estadual de Goiás da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) por três gestões (2010-2011, 2014-2015, 2018-2019), e, como coordenadora da Comissão de Pesquisa da EMAC/UFG (2017-2020), integrou o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Música da UFG (2016-2019). Em 2020, participou da semana de visitas no Institut Jaques-Dalcroze, em Genebra.
https://lattes.cnpq.br/9035006977831813